



O PÚBLICO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FARO ANTÓNIO RAMOS ROSA: CONSUMOS E PRÁTICAS CULTURAIS

Este artigo apresenta parte de uma investigação que teve como principal objectivo identificar os consumos e práticas culturais do público frequentador da Biblioteca Municipal de Faro António Ramos Rosa, tanto a nível da procura específica deste equipamento, como da procura em geral dos eventos culturais na cidade de Faro. Através de um inquérito construído com base na literatura disponível e entrevistas realizadas aos directores da Biblioteca, procurou-se perceber se as práticas e consumos culturais variam em função das características sociográficas (escolarização, estado civil, idade) do público em estudo, e de que forma essas práticas reflectem o significado simbólico-cultural do que é uma Biblioteca.

Marília Martins – Ex-aluna ESGHT
Filipa Perdigão – ESGHT

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda os consumos e práticas culturais de um público seleccionado a partir de uma prática que antigamente era só para alguns e que, hoje em dia, está a ser testada para que seja para todos: a frequência regular de uma biblioteca pública.

Desta forma, aqui apresentado resultam de uma pesquisa de investigação empírica sobre as práticas e consumos culturais do público da Biblioteca Municipal de Faro António Ramos Rosa (BMF).

Uma biblioteca pública não é um fim em si e só se pode justificar pela comunidade que serve. Assim, a análise do público frequentador de uma biblioteca constitui um instrumento precioso de compreensão da forma como esta, enquanto equipamento cultural e educativo, se afirma na comunidade em que se insere, como

consegue cativar os diversos públicos e afirmar-se como agente dinâmico de modernização cultural.

Deste modo, procurar-se-á caracterizar o público da BMF e, em consonância, identificar os motivos habituais ou fortuitos da sua vinda à Biblioteca, assim como identificar as suas práticas culturais e de lazer. Por outro lado, a observação e análise de quem são os frequentadores de uma biblioteca irá permitir-nos compreender o papel que esta desempenha enquanto equipamento cultural e educativo no espaço em que se insere e, ainda, tentar captar o significado simbólico-cultural que a própria comunidade tem deste tipo de equipamento.

PÚBLICOS DA CULTURA

Ao estudarmos o público da Biblioteca, estamos a examinar os consumidores de bens culturais. Funda-

mental para a definição deste tipo de consumidor é o aspecto da recepção, que segundo David Harvey abrange “todo o trabalho de reinterpretação/reconstrução exercido pelos públicos na sua apropriação”(citado por Lopes, 2000:17). Assim a recepção cultural “é hoje em dia entendida como um processo de reconstrução, elaborado a partir dos produtos culturais/ simbólicos a que cada indivíduo tem acesso” (Santos, 1994:423)¹.

Analizar o público da biblioteca na actualidade “não é indissociável, por conseguinte, da distribuição desigual dos indivíduos na estrutura social, nem tão pouco das reconfigurações mais ou menos bruscas que atravessam as modernas sociedades.” (Lopes, 2000:18). Efectivamente, este estudo de um público da cultura tem que analisar, forçosamente, a influência mútua entre produção e consumo/ recepção do público da cultura de forma global e do

público da Biblioteca em particular.

PRÁTICAS CULTURAIS E DE LAZER DA POPULAÇÃO PORTUGUESA

Por práticas culturais entende-se a ocupação dos tempos livres (uma ida à Biblioteca ou ao teatro, por exemplo) ou do tempo de lazer (quer seja no visionamento da televisão quer num passeio ao ar livre) de uma dada população. Neste sentido, o conceito de práticas culturais é entendido como um conceito amplo e multidimensional (Mendonça, 2001:97). A ocupação dos tempos livres apresenta hoje uma variedade de cenários que se sobrepõem e justapõem, exigindo opções e escolhas pessoais significativas. Partindo, assim, de estudos já publicados (Pais, 1989 e Pais, 1994), poderemos afirmar que no que toca às práticas de ocupação dos tempos livres, os portugueses preferem actividades de carácter doméstico e receptivo como o televisionamento, a audição de rádio e de música, em detrimento de actividades de exterior, de carácter público, como é o caso da ida ao cinema, ao teatro, a um concerto, a um museu ou a uma exposição.

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Para caracterizar o público da BMF, decidiu-se aplicar a técnica do inquérito por questionário, uma vez que esta se mostrou a mais adequada² (a par da observação directa sistemática no espaço local), como elemento principal de recolha de informação.

O questionário encontrava-se estruturado em três partes distintas: uma primeira parte com perguntas relativas à Biblioteca Municipal de Faro, razões e motivações para a frequentar; uma segunda parte com perguntas relativas a práticas culturais em geral e ao conhecimento/frequência de determinados equipamentos culturais existentes na cidade; e, finalmente, uma terceira

parte constituída com perguntas de caracterização sociográfica. Com a última parte do questionário pretendia-se verificar se a condição sociográfica está ou não inter-relacionada com os consumos e práticas culturais do público. O tempo médio de preenchimento do questionário foi de dez minutos.

O questionário foi construído tendo por base os questionários do Observatório das Actividades Culturais (OAC), que estudam os públicos da cultura, designadamente, os que estiveram na base dos estudos de Santos (2001) e Alves e Ricardo (2000).

A AMOSTRA E A APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

A amostra foi constituída por 205 elementos, seleccionados aleatoriamente, uma vez que o estabelecimento de quotas não apresentou qualidades heurísticas válidas para se estabelecer uma amostra com estes parâmetros. A automatização de quotas só poderia ser realizada, atendendo às condições específicas dos utentes, através de classes etárias, e isso não seria facilmente realizável, devido a uma distribuição etária em que os jovens universitários estão claramente sobre representados. Assim, o universo em estudo tem por origem as características próprias dos utentes que frequentam e utilizam a Biblioteca. No entanto, teve-se o cuidado e de acordo com o público que se encontrava no espaço em cada momento, de fazer uma distribuição o mais heterogénea possível, de acordo com a faixa etária e tendo em conta a utilização de todos os espaços da Biblioteca.

Depois de devidamente testado³, o questionário foi aplicado durante a semana de 12 a 21 de Maio de 2005, em períodos variados, nomeadamente manhãs, tardes e hora do almoço em todos os dias da semana (incluindo o sábado) de forma a tentar captar uma amostra de todos os utilizadores da Biblioteca e não apenas um segmento. Foram recolhidos um total de 205 questionários, donde 5 se verificaram

inválidos por insuficiência de respostas dadas. Consegiu-se uma amostra final constituída por 200 questionários válidos. As respostas foram codificadas e posteriormente introduzidas numa base de dados criada para o efeito, tendo-se recorrido ao programa SPSS. É ainda fundamental referir que se procedeu à análise de questões de resposta múltipla, pelo que os dados representados referem-se ao total de respostas de toda a amostra, e, portanto, a soma dos valores apresentados em gráficos e quadros pode, por vezes exceder os 100%.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS UTILIZADORES⁴

Com um número médio mensal de 22.509 visitantes/utilizadores no ano de 2004, (média de 993 visitantes por dia, dos quais 156,9 são utilizadores) até ao final de Maio de 2005, a Biblioteca apresentava um total de 12 536 inscritos, o que representava um acréscimo de 19,1% comparativamente com o ano anterior .

Do total de 11 764 leitores inscritos, 7 053 são do sexo feminino (57,5%), denotando uma ligeira maioria sobre o número total de inscritos do sexo masculino - 4 711, dos quais 61,2% são considerados como leitores activos. São considerados *leitores activos* as pessoas que utilizam o serviço de empréstimo pelo menos uma vez por ano.

De acordo com as quatro classes etárias listadas no relatório final da Biblioteca, cerca de 18% têm entre os 0-14 anos, 48,5% estão entre os 15-24 anos, 22,9% estão entre os 25-64 anos e apenas 2,4% têm mais de 65 anos. Através da análise desses dados, podemos afirmar que se trata de um público jovem e jovem adulto na medida que estas duas faixas etárias representam cerca de 64,5% de inscritos. No entanto, é pouca a informação que se pode retirar da análise da classe etária (25-64 anos) uma vez que abrange vários tipos de públicos. Deste modo, no nosso questionário subdividiu-se esta classe etária em vários

subgrupos. No entanto, para compreendermos melhor a forma como a idade influencia a utilização maior ou menor da Biblioteca está ligada à idade dos seus utilizadores, resolveu-se criar sete escalões etários no questionário (ver Gráfico nº2).

Relativamente à escolaridade, praticamente 50,5% dos leitores possuem ou estão a frequentar o ensino superior, 23% encontram-se a frequentar ou terminaram o ensino secundário, 12,2% frequentam ou possuem o terceiro ciclo do ensino básico, 7,1% frequentam ou possuem o segundo ciclo do ensino básico, contra apenas 7% que frequentam ou possuem o primeiro ciclo do ensino básico.

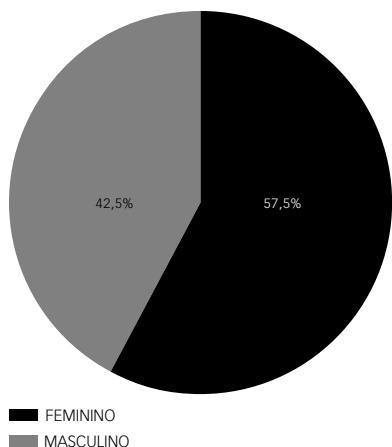


gráfico 1: caracterização dos inquiridos segundo o sexo (%)

CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DOS INQUIRIDOS

Relativamente aos escalões etários constata-se serem os jovens adultos, com idades compreendidas entre os 23-28 anos, aqueles que registam maior frequência 32% (Gráfico nº 2). O segundo escalão etário mais representado no conjunto da população inquirida é o dos 18 aos 22 anos que recruta 20,5% dos inquiridos, seguido do escalão etário dos 29 aos 35 anos que representa 18% da amostra. Se juntarmos estes dois escalões ao primeiro obtemos um conjunto total de 70,1% de inquiridos, o que significa

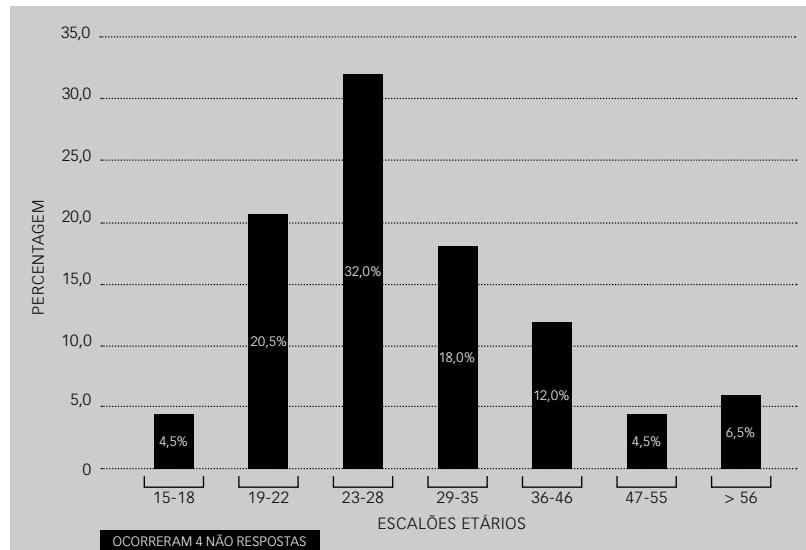


gráfico 2: caracterização dos inquiridos segundo a idade (%)

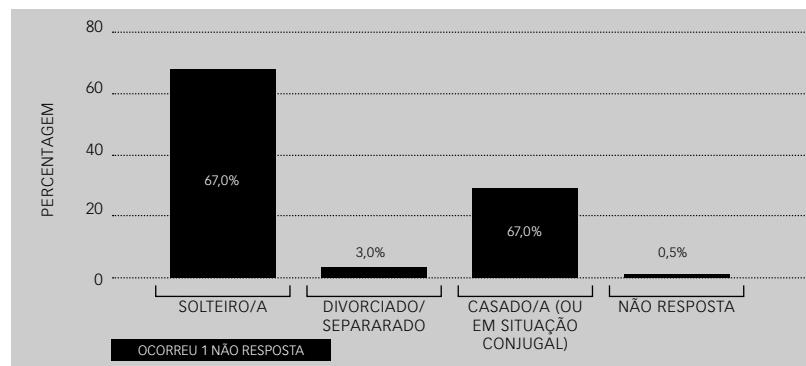


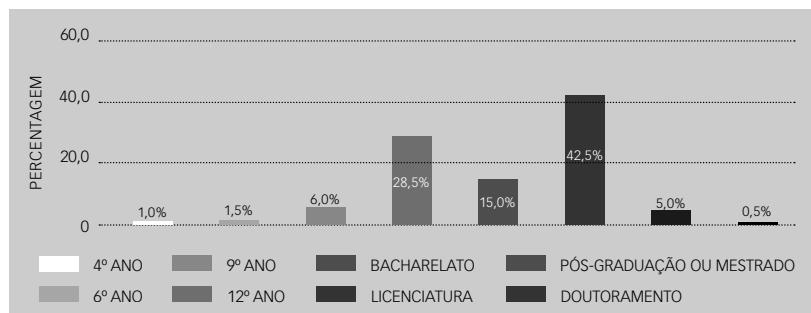
gráfico 3: caracterização dos inquiridos segundo o estado civil (%)

que quase três quartos da população inquirida tem idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. Dos restantes escalões etários interessa ainda sublinhar que cerca de 11% dos inquiridos têm mais de 46 anos. Ora, estes números não deixam qualquer dúvida quanto ao perfil etário dos frequentadores da Biblioteca: como podemos facilmente constatar pela análise do Gráfico nº 2, estamos perante um tipo de população jovem/adulta, e onde o segmento jovem (15-18 anos) e o segmento adulto (mais de 35 anos) têm menor representação.

Para além de jovem adulto e feminino, o público da BMF é, ainda,

constituído maioritariamente por utilizadores solteiros. De facto, conforme se verifica pelo Gráfico nº 3, relativamente à sua situação civil, a elevada percentagem de utilizadores que se declaram solteiros, 67%, não levanta dúvidas quanto à importância desta variável na caracterização do público. Apenas 29,5% dos inquiridos é casado ou encontra-se a viver em situação conjugal. Os inquiridos que se declaram em situação de divorciado representam apenas 3%.

O facto do público da BMF ser constituído maioritariamente por utilizadores até aos 35 anos e na situação de solteiro, é explicado, em parte,

**gráfico 4:** caracterização dos inquiridos segundo o grau de instrução (%)

ESCOLARIDADE	MÃE	PAI	INQUIRIDO
Nunca frequentou a escola	7,5	7,0	0,0
4º Ano	30,5	35,0	1,9
6º Ano	8,0	4,0	1,5
9º Ano	14,0	13,0	6,0
12º Ano	16,5	11,0	28,5
Bacharelato	4,0	7,0	15,0
Licenciatura	7,0	7,5	42,5
Pós-graduação ou mestrado	1,0	1,5	5,0
Doutoramento	0,5	0,0	0,5

Ocorreram 28 (11%) não-respostas para a escolaridade dos pais e 22 (14%) para a escolaridade das mães

quadro 1: escolaridade dos pais e das mães dos inquiridos (%)

pela conjugação desses dois factores, pois a juventude e a situação de solteiro estão associados ao prolongamento dos estudos e ao retardamento do casamento.

No que diz respeito ao grau de instrução, o resultado obtido demonstra claramente um nível de instrução alto. A percentagem de inquiridos que declara possuir ou estar a frequentar o ensino superior – grau licenciatura é de 42,3%. Se juntarmos os 14,9% dos inquiridos que possuem ou estão a frequentar o ensino superior – grau bacharelato, mais os 5% dos inquiridos que declararam possuir ou estarem a frequentar uma pós-graduação ou mestrado, obtemos um conjunto total de 62,2%. Dos restantes níveis de escolaridade, apenas o 12º ano, representa uma percentagem significativa

de inquiridos – 28,4%, sendo que os outros graus de instrução, que neste caso correspondem aos níveis inferiores de ensino, representam categorias claramente marginais. Verifica-se, então, pela análise do gráfico relativo à escolaridade do público, que a soma do ensino superior com o ensino secundário (12º ano) totaliza 90,6%. Este público, portanto, para além de se caracterizar por elevados níveis de escolaridade, é, ainda, bastante mais escolarizado do que a população em geral, que ronda no caso do Algarve os 19,8% no que respeita ao nível do ensino secundário e 16,7% ao nível do ensino superior. O facto do público da BMF se caracterizar por um elevado nível de instrução, confirma que a instituição escolar aparece como importante factor explicativo de determina-

das práticas culturais, nomeadamente a utilização das Bibliotecas.

Já constatámos que o nível de instrução era alto, no entanto o cruzamento do nível de escolaridade com a faixa etária vem demonstrar que em todos os escalões etários estão representados inquiridos que possuem ou estão a frequentar o ensino superior. De uma forma geral, a escolaridade superior é maioritária em três escalões etários, nomeadamente nos compreendidos entre os 18 e os 35 anos, embora o escalão etário entre os 29 e os 35 anos seja o que apresenta um maior número de inquiridos com estatuto académico superior. É este escalão que detém um maior número de inquiridos com habilitação ao nível de pós-graduação ou mestrado (13,9%) ou doutoramento (2,8%). É de sublinhar ainda que, à medida que se avança na idade, os recursos escolares vão sendo cada vez mais heterogéneos e simultaneamente cada vez menores, principalmente nos inquiridos com idade superior a 56 anos (é o único escalão etário que regista valores em todos os graus de instrução, à excepção da habilitação ao nível do mestrado).

Conforme se pode constatar pela análise do Quadro nº 1 o nível de escolaridade mais frequente entre os pais e as mães dos inquiridos é o ensino básico, correspondente ao 1º ciclo (4º ano), seguido do ensino secundário (12º ano), no caso das mães dos inquiridos, e do 3º ciclo do ensino básico (9º ano), no caso dos pais. No nível superior os pais dos inquiridos apresentam-se, globalmente com níveis de escolaridade que se situam nos 12%, no caso das mães e de 16% no caso dos pais. Há ainda a destacar, no entanto, a percentagem pouco significativa de pais (7,5% no caso das mães e 7% no caso do pais) sem frequência escolar ou nenhum nível escolar completo.

Se tomarmos agora por referência o nível de escolaridade dos inquiridos, comparativamente aos níveis de escolaridade dos seus pais, constata-se que os capitais escolares tanto dos

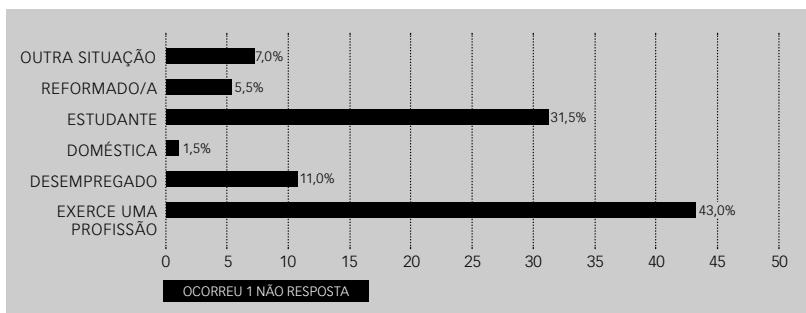


gráfico 5: composição socioprofissional dos inquiridos (%)

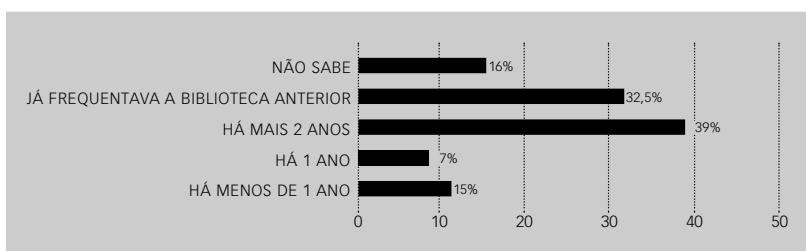


gráfico 7: há quanto tempo frequenta a biblioteca (%)

país, como das mães dos inquiridos, regra geral, são mais baixos do que os dos inquiridos.

Verifica-se, portanto, que estamos perante um público que, relativamente aos seus pais, investiu fortemente em níveis de escolaridade mais elevados. Este salto qualitativo muito rápido em termos de educação poderá ser explicado pelo forte crescimento económico da região nas últimas décadas. Deste modo, o aumento dos recursos disponíveis das famílias e a existência de ensino superior na região explicam a diferença entre o nível literário dos pais e o dos filhos. A herança do capital cultural (ver Bourdieu, 1985), por ventura, poderá ver-se a outros níveis, nomeadamente na procura de outros bens culturais, mais à frente referidos.

Importa agora fazer uma abordagem sobre a condição principal perante o trabalho (Gráfico nº 5). Embora se pense, normalmente, que os utilizadores de uma Biblioteca são maioritariamente estudantes, podemos constatar que não é este grupo o que se apresenta como maioritário na nossa amostra, apesar do valor regis-

tado ser bastante significativo (31,5%), uma vez que 43% afirmam exercer uma profissão. Só uma percentagem reduzida (7%) se encontra na situação de reformado e 11% na situação de desempregado.

Relativamente às profissões exercidas é interessante observar uma grande heterogeneidade do público no que se refere à sua situação sócio-profissional. Funcionários administrativos, polícias, electricistas, empregados de limpeza ou hotelaria, enfermeiros, médicos, engenheiros e professores, todos estão representados. De destacar apenas a classe docente e as profissões técnicas intermédias que aparecem com maior expressividade. Sem dúvida que estes dados permitem dizer que a Biblioteca, mesmo que devagar, está a conseguir captar diferentes públicos com diversos interesses na utilização deste equipamento cultural, contrariando a ideia tradicional de que uma biblioteca apenas serve a classe estudantil ou a classe docente.

Um último traço de caracterização diz respeito ao espaço geográfico de

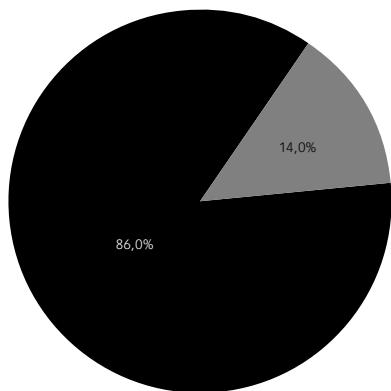


gráfico 6: caracterização dos inquiridos segundo o local de residência (%)

recrutamento do público utilizador da BMF (Gráfico nº 6). Sem surpresas, a origem geográfica e residencial dos utilizadores da BMF está largamente confinada ao concelho de Faro (86%). Apenas 14% dos inquiridos pertencem a outros concelhos, designadamente aos concelhos limítrofes: Olhão, Loulé e São Brás do Alportel.

FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO

Já dissemos que a informação obtida é em muitos casos insuficiente, nomeadamente em relação à frequência de utilização dos seus utilizadores. Deste modo, no questionário procurou-se analisar a presença de segmentos de utentes com frequências desiguais do espaço da biblioteca, ou identificar os diferentes tipos de públicos

Procedeu-se, assim, à construção de uma tipologia de utilizadores da BMF que consagrava quatro tipos de utentes, de acordo com o grau de frequência, independentemente de possuírem ou não cartão de leitor: (1) "utilizadores assíduos", aqueles que declararam frequentar a biblioteca diariamente, ou pelo menos uma vez por semana; (2) "utilizadores regulares", aqueles que declararam frequentar a biblioteca, pelo menos duas ou três

ESCOLARIDADE	%
Quase todos os dias	24,5
Uma vez por semana	32,5
Duas ou três vezes por mês	24,0
Uma vez por mês	3,5
Menos de uma vez por mês	2,5
Duas ou três vezes por ano	2,5
Esporadicamente	8,0

quadro 2 : frequência habitual de utilização da BMF (%)

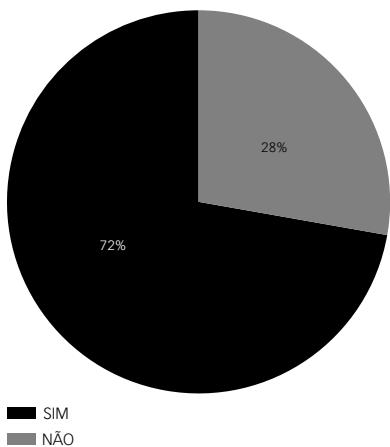


gráfico 8: inquiridos com e sem cartão da BMF (%)

vezes por mês; (3) "utilizadores ocasionais", aqueles que declaram frequentar a biblioteca uma vez ou menos de uma vez por mês; (4) "utilizadores esporádicos", aqueles que declaram frequentar a biblioteca no máximo duas ou três vezes por ano.

A leitura dos dados à luz do critério de assiduidade do espaço indica que a maioria dos utilizadores da Biblioteca faz um uso assíduo ou regular deste equipamento a que se deve acrescentar ainda o carácter continuado de tal frequência. Efectivamente, cerca de 32,5% dos utilizadores indicam frequentar a BMF na sequência de um hábito já adquirido junto da Biblioteca anterior, e 39% dos inquiridos declaram frequentar a Biblioteca há mais de dois anos (Gráfico nº 7).

Tendo agora por análise o Quadro nº 2, 57% dos inquiridos apresentam-se como "utilizadores assíduos", isto é, frequentam a BMF quase todos os dias (24,5%) ou pelo menos uma vez por semana (32,5%), enquanto que 27,5% declaram ser "utilizadores regulares", ou seja, frequentam a Biblioteca duas ou três vezes por mês e, por fim, 10,5% são "utilizadores esporádicos", o que significa que visitam a BMF no máximo duas ou três vezes por ano.

Relativamente ao período de utilização da Biblioteca, a grande maioria dos inquiridos (55,5%) declara frequentar a Biblioteca no período da tarde e 32,5% dos inquiridos tanto frequentam a BMF de manhã como de tarde (de forma indiferente), enquanto que 7% declaram apenas frequentar a BMF aos sábados.

Constatámos que 72% dos inquiridos são detentores de cartão de leitor, contra apenas 28% que declara não o possuir (Gráfico nº8). A principal razão apontada para a não posse do cartão é a de não preencherem os requisitos para a sua obtenção, embora usufruam regularmente deste equipamento.

Entre os inquiridos que declaram não possuir cartão de leitor, e de acordo com os parâmetros acima referidos, 43,5% apresentam-se com "utilizadores assíduos" e 29,1% como "utilizadores regulares, contra apenas 14,5% que declaram ser "utilizadores esporádicos".

PRÁTICAS CULTURAIS E DE LAZER

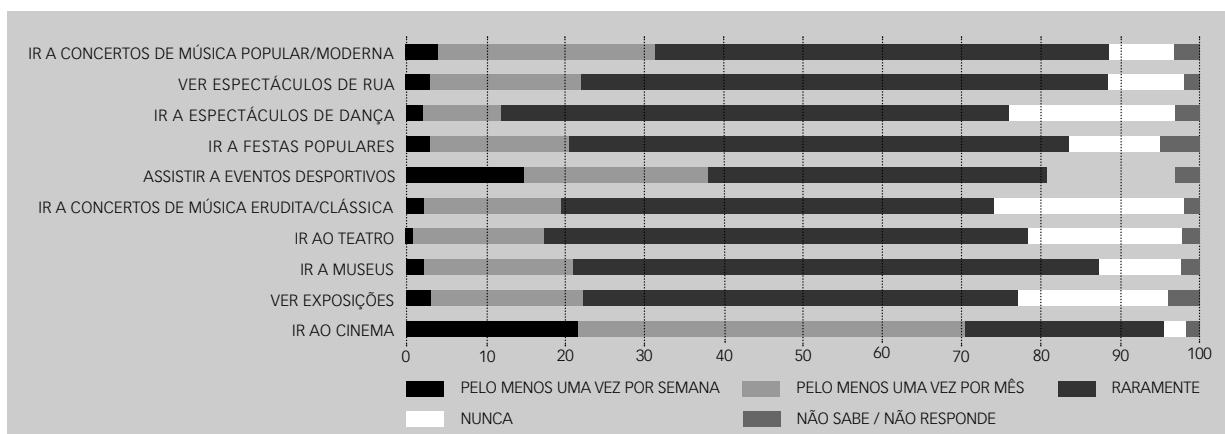
Considerando que as práticas culturais e de lazer desempenham um papel fundamental no quotidiano de qualquer indivíduo, interessa saber de que forma os inquiridos ocupam os seus tempos livres, e que peso dão a cada tipo de prática, medido em termos do tempo que lhe é dedicado. Por outro lado, e sabendo que a ocupação dos tempos livres apresenta hoje uma variedade de cenários que se sobrepõe, exigindo opções e escolhas pessoais significativas, interessa

compreender que tipo de construções simbólico-culturais são desenvolvidas pelos inquiridos.

As práticas culturais e de lazer foram analisadas segundo três categorias: as práticas domésticas, as de sociabilidade e as de saída. A esta segmentação correspondem diferentes ritmos temporais: as práticas domésticas são aferidas em termos de frequência diária, as de sociabilidade em termos de frequência semanal, e as práticas de saída em termos de frequência mensal.

PRÁTICAS CULTURAIS DOMÉSTICAS

A leitura dos resultados sobre a frequência das práticas culturais domésticas, não traz surpresas face a estudos anteriores sobre a população portuguesa em geral⁷. Pode-se constatar que a prática de recepção mais frequente entre os inquiridos é o televisionamento com 75,5%, contra apenas 10,5% que o fazem raramente ou nunca. Quanto à audição de rádio 67% declaram fazê-lo diariamente contra 16,5% dos inquiridos que declaram que raramente ou nunca ouvem rádio. A audição de música gravada é também uma prática de lazer regular (51%) dos inquiridos, contra 19,5% que afirma fazê-lo raramente. No que diz respeito à leitura de jornais e livros, verifica-se que esta é uma prática menos frequente para cerca de aproximadamente 25% dos inquiridos, embora 40% afirme fazê-lo diariamente e cerca de 32% pelo menos uma vez por semana. Finalmente, a utilização de suportes multimédia (internet, jogos, DVD, etc), também assume um papel preponderante, visto que 44% dos inquiridos declaram a eles recorrer diariamente e 35,5% pelo menos uma vez por semana. Valores que não surpreendem se tivermos em conta tratar-se de uma população jovem adulta, muito familiarizada com as novas tecnologias que fazem parte da sua vida quotidiana.



gráfic 9: frequência das práticas culturais de saída (%)

PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO

Um outro conjunto de práticas que marcam fortemente os diferentes estilos de vida, seja dos jovens ou de outro grupo etário, são as que se praticam dentro das redes de sociabilidade e que podem contribuir para o estreitamento cada vez maior dessas mesmas redes. Das modalidades consideradas no plano das práticas de sociabilidade, o passeio em espaços ao ar livre e a deslocação ao café são as práticas regulares por exceléncia, 76% e 72% respectivamente, a que se segue receber/ visitar amigos (64,5%). O passeio em centros comerciais assume também um papel importante, visto que 51,5% dos inquiridos reconhecem este tipo de prática como semanal, e 25% revelam fazê-lo mensalmente. Estes dados demonstram a importância dada ao convívio e à sociabilidade pública regular. No pólo oposto situa-se a ida a missas ou cerimónias religiosas (9%), prática rara para cerca de 50,5% dos inquiridos. Contudo, a mais rara mesmo é a frequência de associações recreativas ou colectividades que apenas atinge 15,5% como prática regular e 48% dos inquiridos revelam raramente fazê-lo. Em relação às idas a discotecas e/ou bares apenas 29,5% dos inquiridos afirmam fazê-lo “pelo menos uma vez por semana”, sendo de destacar os 32,5%, que dizem “raramente” ir

a estes locais e os 13% que, pura e simplesmente, nunca o fazem.

PRÁTICAS CULTURAIS DE SAÍDA

Ao focarmos a esfera da “cultura de saída” propriamente dita, a prática baixíssima das actividades incluídas nesta esfera começa a ganhar contornos mais claros. Nenhuma das modalidades propostas no questionário, à excepção do cinema, apresenta valores de frequência elevados, o que poderá também estar relacionado, entre outras razões, com a fraca oferta em algumas das modalidades no mapa cultural algarvio.

No plano das práticas culturais de saída e através da análise do Gráfico nº 9, como já foi referido, o cinema afirma-se como a principal actividade regular, a única a que aderem mais de metade dos inquiridos. A ida ao cinema é para 48,5% dos inquiridos uma actividade mensal, face a uma percentagem, bem menor, de 22% que não dispensam uma actualização cinéfila de carácter semanal. No plano oposto situam-se todas as outras práticas destacadamente raras como ir a museus (66,5%), ver espectáculos de rua (66%), ir a espectáculos de dança (64%), ir a festas populares (62,5%), ir ao teatro (61%), ir a concertos de música erudita/ clássica (55%) e ver exposições (54,5%).

EQUIPAMENTOS CULTURAIS

Foi apresentado aos inquiridos uma questão relativa à frequência nos últimos 12 meses dos equipamentos culturais situados no concelho de Faro. Era pedido que indicassem o grau de conhecimento/ utilização de cada um dos equipamentos. Deste modo pretendia-se apresentar a distribuição do público da BMF pelos vários equipamentos e ao mesmo tempo conhecer o grau de notoriedade/ reconhecimento que estes possuem junto dos inquiridos.

Tendo em conta o Quadro nº 4, constata-se que de um total de catorze equipamentos⁸, metade possui uma taxa de frequência que, somando a *regular* e *ocasional*, varia entre os 35,5% do Conservatório Regional Pedro Ruivo e os 53% do Instituto da Juventude. Logo a seguir aparece o Auditório da Universidade do Algarve (Ualg) com 50,5% e o Auditório da BMF, que atingiu 48,5%, o que significa valores muito superiores aos obtidos na outra metade dos equipamentos.

Em termos de categorias, pode observar-se que os inquiridos privilegiam a *frequência ocasional* dos equipamentos apresentados, variando a taxa de 31,5% do Auditório da Ualg para os 7,5% da Galeria de Arte “Arc-16”. Na *frequência regular*, ou seja, na visita do público mais assíduo (mais de 3 vezes nos últimos 12 meses), os valores situam-se entre um máximo de 26% do

EQUIPAMENTOS CULTURAIS	FREQUÊNCIA E CONHECIMENTO				
	FREQUÊNCIA REGULAR	FREQUÊNCIA OCASIONAL	CONHECE MAS NÃO FREQUENTOU	NÃO CONHECE	NS/ NR
Teatro Lethes	10,5	35	53,0	8,0	7,0
Conservatório Regional Pedro Ruivo	7,5	28,0	41,5	16,0	7,0
Museu Municipal de Faro	9,5	26,5	46,0	12,0	6,0
Museu Regional do Algarve	3,5	14,5	49,5	22,5	10,0
Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão	1,0	8,0	41,5	41,5	8,0
Galeria de Arte Art-16	0,5	7,5	32,0	51,0	9,0
Núcleo Museológico Brinquedo	0,5	9,0	29,5	53,5	7,5
Centro de Ciência Viva	9,5	27,5	40,5	16,0	6,5
ArtaDentro - Galeria de Arte Contemporânea	3,0	12,5	33,5	43,5	7,5
IPJ - Instituto Português da Juventude	26,0	27,0	31,0	8,0	8,0
CAPA - Centro de Artes Preformativas do Algarve	4,5	10,0	27,0	48,5	10,0
Auditório da Universidade do Algarve	19,0	31,5	32,0	9,0	8,5
Auditório da Biblioteca Municipal de Faro	18,5	30,0	38,0	8,0	5,5
Antiga Fábrica da Cerveja	14,5	23,5	41,0	15,0	6,0

quadro 3: frequência e conhecimento de equipamentos culturais no concelho de Faro (%)

Instituto Português da Juventude (IPJ) é um mínimo de 0,5% da Galeria de Arte "Arc-16" e do Núcleo Museológico do Brinquedo. As taxas mais elevadas de *não frequência* vão para o Teatro Lethes (53%), para o Museu Regional do Algarve (49,5%) e para Museu Municipal de Faro (46%). Por fim, os espaços que apresentam maior taxa de desconhecimento são o já referido Núcleo Museológico do Brinquedo, com 53,5%, e ainda a Galeria de Arte "Arc 16" com 51% de referências. Salienta-se, também, para esta mesma categoria, o desconhecimento da CAPA – Centro de Artes Performativas do Algarve (48,5%) e a ArtaDentro – Galeria de Arte Contemporânea (43,5%).

De seguida e de forma a avaliar a relação entre o grau de *notoriedade* e de *frequência* dos equipamentos considerados, procedeu-se à criação de dois indicadores que permitissem aferir esse facto. O grau de notoriedade é construído com base nas

opções de resposta aos vários tipos de frequência e ainda inclui a categoria *conhece mas não frequenta*, enquanto que o grau de frequência é constituído pelas opções de resposta aos modos de frequência. O indicador *notoriedade* é composto pelas opções de resposta *frequência regular*, *frequência ocasional* e *conhece mas não frequenta*. O indicador *frequência* é composto pelas opções de resposta *frequência regular* e *frequência ocasional*.

Concluiu-se que mais de metade dos equipamentos culturais propostos apresentam elevadas taxas de notoriedade. Os valores variam entre 86,5% do Auditório da BMF e os 77% do Conservatório Regional Pedro Ruivo. De facto, os espaços culturais de referência da cidade de Faro são referidos por mais 75% dos inquiridos: Teatro Lethes (85%), BMF (86,5%), Auditório da Ualg (82,5%), IPJ (84%), Museu Municipal de Faro (82%), Centro de Ciência Viva (77,5%) e Antiga Fábrica da Cerveja (79%). No pólo oposto, entre os equipamentos cuja notoriedade é menor, salienta-se uma vez mais os já referidos: Núcleo Museológico do Brinquedo e galeria "Art 16", que não ultrapassam os 40%.

No que diz respeito à frequência, apenas dois dos mais conhecidos apresentam taxas de utilização superiores a 50%, onde se destaca o IPJ com 53% seguido do Auditório da Ualg com 50,5%. A galeria "Art 16" que vimos ser dos espaços com menor notoriedade é também o menos frequentado com 8% de respostas.

Na relação entre o grau de notoriedade e o grau de frequência efectiva há a destacar que seis dos equipamentos referidos têm uma utilização superior a 45%, designadamente, o IPJ com 63,1% (a taxa mais alta), o Auditório da Ualg com 61,2%, o Auditório da BMF com 56,1%, seguido por 48,1% da Antiga Fábrica da Cerveja, 47,7% do Centro de Ciência Viva e 46,1 do Conserva-

tório Regional Pedro Ruivo. O Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão é o que apresenta a menor taxa de frequência efectiva, com 17,8%, apesar de ter um grau de notoriedade na ordem dos 50%.

De seguida e tendo em conta o pressuposto que a idade e o nível de escolaridade poderiam condicionar o grau de frequência dos equipamentos¹⁰, passa-se à sua observação segundo estas duas variáveis.

De forma geral, em termos de idade, o intervalo que vai desde os 19 aos 35 anos apresenta os valores mais elevados na frequência dos equipamentos analisados. A intensidade da frequência tende a decrescer com o avanço da idade, sobretudo no intervalo que vai dos 47 aos 55 anos, que apresenta os valores mais baixos de frequência em quase todos os equipamentos. No entanto para os inquiridos com mais de 56 anos os valores só são mais baixos no IPJ e no Auditório da Ualg, o que poderá estar relacionado com a própria natureza dos equipamentos. É curioso, no entanto, verificar que no grupo dos mais de 56 anos há um aumento em relação à faixa etária anterior (47-55).

Relativamente ao nível de instrução, não é surpreendente verificar que são os bacharéis e licenciados que declararam os valores mais elevados de frequência em todos os equipamentos. No entanto, os utilizadores com habilitações ao nível do ensino secundário (12º ano), também apresentam valores significativos de frequência, embora mais baixos. De forma geral, pode-se dizer que à medida que as habilitações vão decrescendo, menor são os valores de frequência dos equipamentos.

Efectivamente, o cruzamento destas duas variáveis (idade e escolaridade) com a frequência dos equipamentos, permitem constatar que o grupo etário compreendido entre os 23-28 anos é aquele que detém maior capital escolar (ao nível da licenciatura) e ao mesmo tempo uma maior frequência nos equipamentos.

CONCLUSÕES

Em primeiro lugar, é importante fazer uma síntese global de caracterização sociográfica do público estudado e de seguida uma análise geral das suas práticas culturais e de lazer mais frequentes.

Assim, o público da BMF é maioritariamente jovem, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, sendo que a faixa etária entre os 23-28 anos regista maior número de utilizadores. Para além de jovem, verifica-se uma ligeira maioria do sexo feminino e uma maioria na situação de solteiro(a). Relativamente ao grau de instrução, o resultado obtido demonstra claramente um nível de instrução alto.

Confirma-se a dominância das práticas domésticas em geral, com particular destaque, aliás consabido, para a televisão e para a rádio. O passeio em espaços ao ar livre e a ida ao café afirmam-se como as práticas quotidianas de sociabilidade por excelência. E entre as práticas de saída, o cinema confirma-se, de longe, como aquela que congrega maior adesão. No que diz respeito aos equipamentos culturais, sobressaem três espaços onde a frequência atinge percentagens acima dos 50%: IPJ, Auditório da Ualg e Auditório da BMF. O que quer dizer que, em termos de práticas de saída e tendo em conta os equipamentos citados (embora em muitos casos a frequência se possa dever a necessidades escolares ou profissionais), as práticas são sem dúvida muito abrangentes, uma vez que estes equipamentos servem de palco às mais diversas actividades de âmbito cultural. Em termos de frequência de equipamentos também se constata que aqueles que possuem maior capital cultural são os que mais frequentam os equipamentos.

Tendo em conta esta caracterização, poder-se-á afirmar que os jovens de hoje acumulam, de uma forma cada vez mais generalizada, factores conducentes a uma maior disponibilidade cultural preservando dimensões de autonomia

de ocupação dos tempos livres, que podem estar associados em grande parte à sua condição de solteiros.

As hipóteses explicativas relacionadas com os consumos e práticas culturais em termos de pertença de classes e dos níveis de escolaridade não puderam ser confirmadas, na medida em que as características inerentes a uma população marcadamente jovem e jovem adulta não permitem que as conclusões nesse campo sejam muito fecundas. No entanto, uma das características do público da BMF é o seu elevado grau de escolaridade, o que vem confirmar que a instituição escolar aparece como importante factor explicativo de determinadas práticas culturais, e que de facto o grau de escolaridade está hoje em dia associado a grande parte dos consumos culturais. No entanto, verificámos que há um salto qualitativo em termos do nível de escolaridade destes jovens em relação aos seus pais, uma vez que estes na sua grande maioria se situam num nível médio baixo.

Em relação à biblioteca e ao papel que ela desempenha na contemporaneidade, e porque só poderemos concluir quanto à Biblioteca Municipal de Faro António Ramos Rosa, vemos esta instituição como um espaço inserido nos hábitos do quotidiano de uma grande percentagem de utilizadores, prolongando uma lógica de utilidade nos hábitos do quotidiano dos utentes. Embora os estudantes sejam o grupo mais assíduo e quem mais a visita, não podemos deixar de realçar todas as outras categorias que também estão representadas, embora em menor número, o que torna esta Biblioteca num espaço de leitura informal, de convívio e de estudo para diferentes fatias da população.

Para além do papel mais tradicional associado a este tipo de instituição, torna-se cada vez mais importante reflectir sobre as diferentes competências que as bibliotecas podem desenvolver, face aos novos desafios e preocupações. Mais do que um mero

depósito de documentação impressa, a Biblioteca pode assumir-se como um espaço onde impera a multiplicidade de suportes e funções. Pensa-se que seria importante em trabalhos futuros o estudo dos públicos das actividades de âmbito cultural desenvolvidas no Auditório da BMF de forma a procurar compreender e também analisar as motivações de frequência do público e a forma como tomou conhecimento das actividades. A BMF constitui, sem dúvida, um exemplo real do esforço de captação de novos públicos e, aliás como foi referido na revista Os Meus Livros (Set. 2005), um exemplo a seguir.

1 Sabemos que o estudo dos consumos simbólicos não ficaria completo se, para além da procura cultural, não se abordar a oferta, ou seja, a relação entre a produção e o consumo/ recepção com referência às tendências para a pluralidade e para flexibilidade, que se exprimem na crescente diversificação dos gostos. Nesta óptica, qualquer abordagem à recepção cultural

(estudo de públicos), não pode deixar de ter em conta a estrutura da oferta de bens e serviços e a construção social dos gostos (João Teixeira Lopes, 2000:17). Contudo, este artigo irá apresentar apenas os dados relativos à procura.

2 Inicialmente, ainda foi colocada a questão de aplicação de um inquérito de administração directa, uma vez que este apresenta maiores probabilidades de precisão da informação recolhida, melhor esclarecimento das questões e níveis diminutos de invalidação por deficiente preenchimento. No entanto, este procedimento mostrou-se inoperante a vários níveis, destacando-se entre eles a quantidade de tempo para a sua realização.

3 Foram aplicados dez questionários piloto aos utentes da Biblioteca, de forma a verificar possíveis erros na construção do inquérito.

4 Dados retirados do Relatório 2004 da BMF.

5 Valores apurados com base no contador da porta de entrada da biblioteca (valores com alguma margem de erro, nomeadamente pelo facto dos utentes da instituição situada frente à biblioteca utilizar

apenas o bar da biblioteca). Consideram-se *visitantes* as pessoas que entram na biblioteca e *utilizadores* as pessoas que utilizam o serviço de empréstimo.

6 Neste momento está em curso um projecto de actualização do ficheiro de leitores, com base na utilização do serviço de empréstimo pelo menos uma vez por ano. Este projecto tem como objectivo uma intenção de transparéncia e ajuste contínuo do fluxo potencial de leitores, que se revela um instrumento crucial na adequação e planeamento das estratégias de acção.

7 Veja-se por exemplo Pais (1994), Freitas (1997), IOT (1999) e Curto (2004).

8 Estes catorze equipamentos foram definidos tendo por base os equipamentos que apareciam referidos na Agenda Cultural da Câmara Municipal de Faro, entre Janeiro e Maio de 2004.

9 Utilizam-se 5 categorias: *frequência regular* (corresponde a frequência de 3 ou mais vezes); *frequência ocasional* (frequentou 1 ou 2 vezes), *conhece mas não frequentou*; *não conhece*; *não sabe ou não responde*.

10 Apesar de analisou os equipamentos cuja frequência era mais elevada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVILLEZ, F. d' (Setembro 2005). "Livros em Movimento", in Revista Os Meus Livros, edição nº 31: 38-41.
- ANTUNES, L. e LOPEZ, J. T. (Dezembro 2001). *Leitura e Comunicação Digital – O Papel das Bibliotecas Públicas*, Colecção OBS – Pesquisas, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais
- ALVES, A. e RICARDO, N. (Junho 2000). "Hábitos de Leitura na Biblioteca Municipal de Espinho", in *Sobre a Leitura*, Vol. III, Lisboa, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas/ Observatório da Actividades Culturais.
- BOURDIEU, P., (1980) *Questions de Sociologie*, Paris, Editions de Minuit.
- BOURDIEU, P., (1985) *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- CAMPOS, F. M. G. de (Fevereiro 2001). *Da Informação ao Conhecimento – As Bibliotecas Nacionais do Século XXI*, Lisboa, Leituras: Revista da Biblioteca Nacional.
- CURTO, D. R. (dir.) (Novembro de 2004). *Leitores de Bibliotecas Públicas, Inquérito à Rede de Leitura Pública na região de Lisboa*, Lisboa, Edições Colibri.
- FREITAS, E. de, et al. (1997). *Hábitos de Leitura – Um Inquérito à População Portuguesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- FORTUNA, C. e FONTES, F. (Junho 2000). "Bibliotecas Públicas Utilizadores e Comunidades: o Caso da Biblioteca Municipal António Botto", in *Sobre a Leitura*, Vol. I, Lisboa, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas/ Observatório da Actividades Culturais.

- LOPES, J. M. T (2000), *A Cidade e a Cultura – Um Estudo Sobre Práticas Culturais Urbanas*,
Porto, Ed. Afrontamento.
- MENDONÇA, J. C. (2001). *Políticas, Práticas Culturais e Públicos do Teatro do Algarve*, Lisboa,
Edições Colibri.
- MOURA, A. M. (Maio 2001). "Práticas de Leitura, Jovens e Novas Tecnologias – A Biblioteca
Municipal de Oeiras", in *Sobre a Leitura*, Vol. I, Lisboa, Instituto Português do Livro e das
Bibliotecas/ Observatório da Actividades Culturais.
- PAIS, J. M. (coord.) (1989). *Juventude Portuguesa – Uso do Tempo e Espaços de Lazer*, Lisboa, ICS.
- PAIS, J. M., (1994). *Práticas Culturais dos Lisboetas*, Lisboa, ICS.
- SANTOS, M^a. de L. L. (coord.) (2001). *Públicos do Porto 2001*, Coleção OBS – Pesquisas,
Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

OUTROS DOCUMENTOS CONSULTADOS

- INE, *Inquérito à Ocupação do Tempo- IOT*, 1999.
- INE, *Censos 2001 – Algarve*, 2002.
- Regulamento da Biblioteca Municipal de Faro
- Relatório 2002*, Biblioteca Municipal de Faro – António Ramos Rosa
- Relatório 2003*, Biblioteca Municipal de Faro – António Ramos Rosa
- Relatório 2004*, Biblioteca Municipal de Faro – António Ramos Rosa

SITES VISITADOS

- Associação dos Municípios do Algarve (on-line)<http://www.amal.pt/agenda>
- Boletim das Actividades Culturais (on-line)<http://www.ics.ul.pt/oac/OBS.html>
- Ministério da Cultura (on-line)
<http://www.ministeriocultura.pt/Organismos/ObservatórioCnt.html>
- Ministério da Cultura - Delegação Regional do Algarve (on-line)
<http://www.cultalg.pt/EspacosCulturais/index.html>